

# Um comentário sobre a tradução de *Logos* e uma hipótese sobre *O aturdito*<sup>1</sup>

## *A commentary on the translation of Logos and a hypothesis on the L'etourdit*

---

Ruben Artur Lemke\*

Tiago Ravanello\*\*

Márcio Luís Costa\*\*\*

### Resumo

O artigo propõe um comentário sobre “*Logos*” de Heidegger e uma hipótese sobre “*O aturdito*” de Lacan. A hipótese é de que existe uma relação importante entre os dois textos. Lacan retorna à ontologia da linguagem presente no texto de Heidegger, como apoio para o giro de uma ontologia da falta-a-ser, presente em suas construções estruturalistas, em direção à linguagem matemática, utilizando a topologia das superfícies para abordar as bordas do furo e a lógica como ciência para abordar o real como impossível. Nesse giro – que é uma crítica à metafísica, pois utiliza o equívoco significativo contra o princípio da não contradição e a topologia da superfície para fazer furo na substância – Lacan afirma uma fraternidade no dizer com Heidegger.

**Palavras-chave:** *Logos*. *O aturdito*. Teoria Psicanalítica. Ontologia. Heidegger.

---

1. O manuscrito faz parte de uma pesquisa financiada pela bolsa CAPES de doutorado do primeiro autor.

\* Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Coordenar Pedagógico e Tutor de Psicologia do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde Pública de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, Brasil. lemke.ruben@gmail.com

\*\* Pós-doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre e doutor em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Psicólogo pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Psicologia. Campo Grande, MS, Brasil. tiagoravanello@yahoo.com.br

\*\*\* Mestrado e Doutorado em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México. Graduação em Filosofia na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Campo Grande, MS, Brasil. marcius1962@gmail.com

**Abstract**

*This paper proposes a commentary on the «Logos» by Heidegger and a hypothesis about «L'Étourdit» by Lacan. The hypothesis is that there is an important relationship between the two texts. Lacan returns to the ontology of the language present in Heidegger's text as support for the turn that starts from an ontology of the lack-to-be, present in its structuralist constructions, towards the mathematical language, using topology of the surfaces to core the edges of the hole and a logic as science to address the real as impossible. In this turn, which is a critique of metaphysics, because it uses the significant misunderstanding against the principle of non-contradiction and the topology of the surface to drill a hole in the substance, Lacan affirms a fraternity in his saying with Heidegger.*

**Keywords:** Logos. L'Étourdit. Psychoanalytic Theory. Ontology. Heidegger.

O presente artigo propõe um comentário sobre o texto “*Logos*” de Heidegger, traduzido por Lacan e uma hipótese sobre o texto “*O aturdito*”. Para isso, primeiramente apresentamos um breve histórico da relação que Lacan travou com Heidegger. A seguir, tecemos um comentário sobre o texto “*Logos*”. Por fim, propomos que existe uma relação entre “*Logos*” e “*O aturdito*”, indicando a presença de marcadores textuais de temas heideggerianos no texto de Lacan. “*O aturdito* é um texto extenso, de difícil leitura e com uma infinidade de temas. O foco de nossas análises ficará restrito aos elementos que demonstram sua relação com “*Logos*” e Heidegger e que, por sua vez, articulam-se com o tema da transição do uso da linguística estrutural para o uso da topologia.

A partir dessa relação, argumentamos que em “*O aturdito*”, Lacan retorna ao “*Logos*” de Heidegger, texto importante que lhe serviu em um momento inaugural de seu ensino para afirmar a linguagem como uma dimensão definidora do modo de existência do ser falante, como apoio ao giro da ontologia da falta-a-ser presente em suas construções orientadas pela linguística estrutural para a linguagem matemática presente no uso da topologia das superfícies como modo de abordar os furos. O retorno às origens, que representa a referência a esse texto de Heidegger – que afirma o valor ontológico da linguagem – é um alerta de que não podemos simplesmente prescindir de discussões ontológicas em função do real na psicanálise.

## Breve histórico das relações de Lacan com Heidegger

A ontologia com que Lacan rompeu explicitamente foi a ontologia da substância aristotélica. No entanto, vários territórios de sua teoria atravessam temas ontológicos. Existe um campo problemático no que concerne às referências ontológicas utilizadas por Lacan. Se por um lado, Lacan nem sempre é claro quanto à origem de suas apropriações, por outro, como salienta Balmès (2002), muitos prefeririam apagar qualquer traço de relação com Heidegger, em função do escândalo do reitorado<sup>2</sup>. Esse é um exemplo de quando acontecimento

---

2. Heidegger em 1933 aderiu ao partido nazista e posteriormente foi nomeado como reitor na universidade de Friburgo e permaneceu no cargo por alguns meses. Esse acontecimento foi um grande escândalo e por causa dele Heidegger foi proibido de lecionar por muitos anos. Ocorreram acalorados debates sobre a inocência ou o engajamento de Heidegger ao nazismo, bem como as implicações que este acontecimento poderia ter na interpretação da sua obra. Ficou célebre a posição de Sartre, de que a despeito das covardias pessoais, sua obra não teria relação alguma com o nazismo. Perguntou o filósofo, na época, se acaso não era comum que um ho-

histórico decisivo acaba turvando possíveis análises epistemológicas e talvez, por esse motivo, como demonstram Alemán e Larriera (2009), exista um leque de opiniões sobre as influências de Heidegger em Lacan, que vão desde os que afirmam que a obra de Heidegger é transfunção do retorno lacaniano a Freud, até o outro extremo que busca negar qualquer influência.

O primeiro exemplo é o de Nancy e Lacoue-Labarthe (1973/1991). Os autores afirmam que na obra lacaniana é possível reconhecer o modelo de pensamento heideggeriano, no que concerne à orientação da leitura ao impensado. Para os autores, de modo análogo ao que fez Heidegger na filosofia em direção ao impensado, Lacan se precipitou no que havia de impensado em Freud e em Saussure e, nesta zona, buscou estabelecer um campo de articulação entre estes dois autores. O modelo heideggeriano seria o que pôs essa articulação para funcionar, uma espécie de transfunção, um “além-texto” que modularia as operações lacanianas. Os autores afirmam que a estratégia lacaniana consistiu em destruir a ontologia da unidade do signo, mediante uma estratégia de desfazer a verdade como *adaequatio*. Nesse sentido, Lacan acompanharia a crítica heideggeriana da metafísica em um decisivo passo.

O segundo exemplo, em outro extremo, é o de Roudinesco (1991, 2008), que afirma que a obra lacaniana não sofreu influências teóricas de Heidegger, como haveria sofrido de Hegel, e que Lacan teria tido apenas um fascínio pelo filósofo. Não concordamos com essa opinião, pois simplificar a questão deste modo, não faria o menor sentido. A seguir, indicaremos outros momentos em que Roudinesco reconhece linhas de influência e isso, que soa como uma contradição, indica a presença de um campo problemático. Assim, por exemplo, a mesma autora afirma que as influências de Hegel que Lacan absorveu via Kojève<sup>3</sup>, já foram impregnadas de uma leitura de “*Ser e tempo*”.

---

mem não estivesse à altura de sua obra? Todavia, existem complicações nesta posição, como por exemplo, o filósofo afirmar a língua germânica como a única capaz, por sua proximidade com o grego, de aproximar a humanidade da pergunta pelo ser, livrando esta dos desolamentos da era da técnica (Aleman; Larriera, 2009; Roudinesco, 2008). Esta é uma questão que não teríamos meios de tratar aqui. Todavia, pensamos que no lugar do tão esperado pedido público de desculpas, o filósofo produziu filosofia a partir de seu erro, ao propor uma leitura crítica da vontade de potência como o último capítulo da metafísica.

3. Roudinesco (2008) nos relata que Lacan foi por muitos anos aluno de Kojève, e que por volta de 1936 foi plano deste professor escrever um trabalho com Lacan, a ser publicado no *Recherches Philosophiques*, onde os autores realizariam um confronto interpretativo entre Hegel e Freud. Deste projeto, nunca acabado, apenas Kojève escreveu uma parte. Neste texto havia três ideias essenciais que Lacan teria retido e que assumiriam plena importância em sua futura obra: o sujeito do desejo, o desejo como revelação do ser e o eu como lugar de ilusão e erro

Roudinesco (2008) afirma ainda que, ao realizar seu retorno a Freud, Lacan se apoiou nos textos de Heidegger, recusando a interpretação existencialista de Sartre e já influenciado pela leitura de Jean Beaufret, que tinha a pretensão de se manter fiel ao texto do filósofo e foi responsável pela disseminação de uma linha de tradução e leitura dogmática da filosofia de Heidegger na França. Beaufret foi analisando de Lacan e por seu intermédio o psicanalista travou uma relação pessoal com Heidegger (Alemán; Larriera, 2009; Roudinesco, 2008).

Ainda, segundo Roudinesco (2008), Lacan se apropriou do espírito de uma busca da verdade que julgou similar ao desvelamento do desejo na doutrina freudiana. Do mesmo modo, d'Escragnolle Cardoso (2012) afirma que a referência a Heidegger é uma constante no duplo movimento de um distanciamento da filosofia hegeliana e da introdução da leitura estruturalista do inconsciente, numa época em que a verdade é trabalhada por uma via negativa, como aquilo que resiste a se expressar por meio de uma linguagem objetiva. Após seu contato com o surrealismo, o encontro de Lacan com Alexandre Koyré, Henry Corbin, Alexandre Kojève e Georges Bataille, permitiu que o psicanalista se introduzisse na modernidade filosófica das leituras de Husserl, Nietzsche, Hegel e Heidegger. Tais leituras permitiram um distanciamento tanto da psiquiatria, como da apropriação psicologista que a universidade fazia dos textos de Freud (Roudinesco, 2008).

Roudinesco (2008) afirma ainda, que a obra de Husserl teve enorme influência, na França do entreguerras<sup>4</sup>, e uma das formas como foi lida, foi já sob a influência de “*Ser e Tempo*”. De acordo com a autora, a filosofia desta obra permitia inscrever “[...] no âmago do sujeito humano a questão do patético da existência e das fendas do ser” (p. 129). Esta ideia ia no sentido oposto ao pensamento de uma plenitude do ego presente no pensamento de Bergson.

“*Ser e Tempo*” influenciou toda uma geração de pensadores na França. Alemán e Larriera (1987/2009) sublinham a importância que “*Identidade e Diferença*” de Heidegger teve para a escrita de “*Diferença e Repetição*” de Deleuze, ou que a crítica à metafísica teve para o método da desconstrução de Derrida. Para os autores, os grandes temas da pós-modernidade são fruto do jogo de azar heideggeriano: a produção de um pensamento sem fundamento, o privilégio da contingência, a debilitação das estruturas fortes da metafísica, a irrupção da questão do aberto e a desconstrução da relação do

---

4. Neste sentido foi de suma importância a apresentação das “*Meditações Cartesianas*” na Sociedade Francesa de Filosofia (Roudinesco, 2008).

um com o todo. López (2011) sublinha que Lacan realizou um emprego delicado e cuidadoso de Heidegger em sua intenção de bordejar aquilo que considerou ser o núcleo da verdade do ser freudiano que considerava esquecida na discursividade da psicanálise.

Lacan tomou conhecimento dos textos de Heidegger quando começou a frequentar os seminários de Alexandre Kojève sobre a “*Fenomenologia do espírito*” de Hegel. A primeira vez que Lacan menciona o nome de Heidegger, foi em um comentário de um artigo de Eugène Minkowski<sup>5</sup> sobre o tempo, no qual Lacan elogia a obra, mas critica o autor por não haver utilizado a concepção heideggeriana do tempo (Roudinesco, 1991). Segundo Roudinesco (2008), em relação à presença das ideias do filósofo alemão, nos textos lacanianos, é possível distinguir dois períodos. O primeiro tem como marco o “*Discurso de Roma*”, onde houve uma adesão entusiasmada às ideias de Heidegger, no que tange ao desvelamento da verdade do ser. O segundo período é o da “*Instância de letra e a razão depois de Freud*” no qual teria havido um distanciamento de Heidegger. Neste período, Lacan acrescenta ao seu uso da linguística de Saussure e da antropologia de Lévi-Strauss os trabalhos de Roman Jakobson sobre a metáfora e a metonímia. Período em que, aspirando (a) uma formalização mais lógica do inconsciente, e reivindicando um lugar na ciência para a psicanálise, Lacan teria abandonado os temas heideggerianos. De acordo com a autora, Lacan teria se distanciado, principalmente, de uma visão pessimista da ciência e de uma ontologia centrada na busca, seja da origem ou da presença.

Em relação aos temas abordados no “*Discurso de Roma*”, Alemán e Larriera (2009) acrescentam que além da concepção de linguagem, Lacan se apropriou da concepção heideggeriana de tempo. De acordo com López (2011), diversos elementos do pensamento de Heidegger ressoaram em Lacan para a construção de seu próprio pensamento e lhe permitiram traçar um caminho até este vazio central do sujeito que Freud denominou núcleo de nosso ser<sup>6</sup>. López sublinha que se há algo que possa unir Freud, Lacan e Heidegger, é o fato de que cada um destes autores, ao seu modo e dentro de sua própria tradição discursiva, inauguraram um caminho até outra dimensão do ser.

Entendemos que em seu projeto de realizar uma leitura estruturalista do inconsciente freudiano, Lacan encontrou em Heidegger um pensador que afirmava o valor ontológico da linguagem para o homem e condenava a degradação que é a compreensão da linguagem como um mero instrumento de comunicação hu-

5. *Le Temps Vécu*, publicado na revista *Recherches Philosophiques*.

6. *kern unseres Wesens*.

mana. Isso é claramente indicado pela escolha de um texto de Heidegger intitulado “*Logos*”<sup>7</sup> para compor a primeira publicação da revista que teve a função de sustentar os posicionamentos políticos e epistemológicos da recém-criada *Société Française de Psychanalyse* (SFP), que foi fundada depois do rompimento de Lacan com a IPA em 1953. Lacan traduziu “*Logos*”, para a revista *La Psychanalyse n° 1* em 1956. O texto foi uma conferência pronunciada por Heidegger, em 1944, publicado pela primeira vez em 1951 e reeditado em 1954 com algumas modificações. Fazia parte de uma trilogia com comentários de fragmentos de Heráclito e Parmênides: *Moira, Alétheia e Logos* (Roudinesco, 1991).

Essa publicação ocorreu imediatamente ao ano anterior ao período de sua trilogia sobre o desejo<sup>8</sup>, em que, partindo desse como princípio explicativo das formações do inconsciente (seminário V), aborda a seguir a dimensão ontológica do desejo, como resultado desta perda de ser da subversão do sujeito pela linguagem (seminário VI), para propor a ética da psicanálise como resultado desse posicionamento ontológico (seminário VII).

## **Logos**

Neste texto, Heidegger (1956, p. 1) problematiza as traduções de *Λόγος* (*logos*) por meio do fragmento B-50 de Heráclito: “*Ουκ εμού αλλά του Λόγου ακούσαντας ομολογείν σοφόν ἐστίν: Ἐν Πάντα* [Se não haveis ouvido a mim, mas ao sentido, então é sábio dizer no mesmo sentido: Um é todas as coisas]”<sup>9</sup>. A palavra grega *Λόγος* costuma ser traduzida por razão, ou sentido. Ao comentar este fragmento, Heidegger argumenta que as traduções não levam em conta o que se oculta

7. De acordo com Roudinesco (2008), foi na Páscoa de 1955, em que foi com Beaufret a Friburgo, que Lacan pediu autorização de Heidegger para traduzir *Logos* para o francês, no ensejo de uma conversa sobre o fenômeno da transferência na psicanálise.

8. O seminário V ocorreu entre os anos de 1957-1958, o seminário VI entre os anos de 1958-1959 e o seminário VII entre 1959-1960.

9. A tradução de Donald Schüller (2001, p. 26) é a seguinte: “Não ouvindo a mim mas o Discurso, sábio é o concurso: todas as coisas são um só”. Esse helenista ressalta que, de todos os fragmentos conhecidos de Heráclito, este é o único que inicia com uma negativa. A tradução explicada que Heidegger propõe em *Logos* do fragmento B 50 seria algo assim: “Não é a mim, falante mortal, a quem ouvis; mas estais atentos ao albergue que recolhe e conecta; se começardes pertencendo a este, então, com tal pertencimento ouvireis de um modo próprio; este ouvir é na medida em que acontece um deixar-estar-reunido que posta diante a totalidade, o coligar, deixar-estar em extensão, o albergue que recolhe e conecta; se ocorre um deixar-estar do deixar-diante, acontece propriamente o Bem Disposto; porque o propriamente Bem Disposto, o destinar é: o Único-Uno unindo Tudo”.

atrás da essência do uso inicial de *Λόγος*. O autor ressalta a importância da palavra *Λέγειν* (*legen*), no fragmento em questão, que é traduzida como dizer. *Λέγειν* aparece em *ομολογείν* (*omologen*), que costuma ser traduzido como “dizer o mesmo”. Do mesmo modo, ao relacionar o *ακούσαντας* (ouvir, no passado) com o *Λόγος*, emerge imediatamente o sentido de *Λέγειν* como dizer. Heráclito afirma que em seu dizer, o que é escutado não é ele, o filósofo, mas *Λόγος*.

As traduções deste fragmento, sempre, dão ênfase aos possíveis significados de *Λόγος*, girando ao redor de “sentido” ou de “lógica”. Mas por trás deste sentido, fica oculta a história desta palavra, sua essência inicial, que carrega, de acordo com Heidegger (1956), intuições originárias sobre o caminho do pensamento do ser. O autor explica que *Λόγος* provém de *Λέγειν* (dizer, falar) e significa deste modo *Λέγειν* como *λεγόμενον* (enunciado). O autor propõe recuperar um sentido mais antigo da palavra *Λέγειν* que fica oculto por traz do sentido corrente de dizer, que é o sentido de pôr, dispor, colocar. Em suma: dispor algo em extensão, articular e montar. E esse é o sentido, por exemplo, tomado por “*Lego*”, o famoso brinquedo de montar peças.

A partir deste sentido de *Λέγειν*, Heidegger (1956) propõe sua tradução de *Λόγος* como uma instância que alberga aquilo que recolhe e articula. De acordo com o autor, a essência de *Λόγος* é um puro dispor que recolhe e coliga. Uma ligação instaurada por um momento originário de captação. Então, *Λόγος* é o albergar que recolhe e estabelece ligação. Este unir do *Λόγος* difere de um simples enlaçar ou vincular, não é só um abarcar que reúne, nem um justapor que equilibra os contrastes. Esta captação forma um tipo de totalidade, que não anula a diferença dos polos de oposição, de termos antitéticos tais como o dia e a noite, mas os mantém albergados na tensão de sua própria diferença. Este albergar engloba ao seu modo a extensão existente entre o presente e o ausente, colocando cada um no seu lugar e em seu caminho próprio. Tudo fica albergado no modo de estar disposto diante, em um deixar-se apresentar que suporta a restituição e o destinar.

Heidegger (1956) argumenta que ouvir não é simplesmente captar as ondas sonoras que chegam ao parêlo auditivo. Só ouvimos de verdade quando, de algum modo pertencemos ao que é dito (*ομολογείν*), pois o homem pertence ao *Λόγος*, é em seu ser em conformidade com o *Λόγος*. Quando o dizer do homem se destina à *Λόγος*, acontece a *ομολογείν*<sup>10</sup> (*homologen*). O essencial do

---

10. “Dizer o mesmo”, ou “concurso”, conforme a tradução de Schüller (2001). *Ομολογείν* também é traduzida por confissão, no sentido de aderir ou pertencer a um credo. Em essência a palavra quer dizer fazer um, comungar, pertencer ao *Λόγος*.

ouvir, de acordo com Heidegger, não é o aparelho sensorial que poderia nos esclarecer sobre suas condições de possibilidade biológicas. O essencial do ouvir é que o homem, ao ouvir, pode se equivocar<sup>11</sup>. Impossível não ver ressonâncias desta afirmação no texto “*O aturdito*” onde Lacan (1973/2003, p. 459) coloca no plano da equivocação todos os poderes do significante: “Nada funciona, portanto, senão pelo equívoco significante”.

O albergar do *Λόγος* instaura diante de sua presença todo o presente à luz de sua presença. Neste ponto Heidegger (1956) toma o fragmento B 64 de Heráclito: “Todas as coisas conduz o raio<sup>12</sup>” (Schüller, 2001, p. 65). O raio tem uma importância central no texto. Os comentadores indicam neste fragmento a intervenção divina de Zeus. Para Heidegger, o raio indica o momento inaugural no pensamento grego em que o pensador teve acesso a uma região muito próxima à verdade do ser. *Λόγος* é o raio que de um modo abrupto põe diante de todo o presente a luz de sua presença. Um instante incandescente que iluminou os entes tirando-os de sua ocultação. Os pensadores da aurora da filosofia estariam com uma melhor disposição para ver a luz e ouvir o crepitar do raio. Tal como uma criança pequena, que não está com os sentidos obstruídos, impressiona-se com a primeira visada da luz que perfura a escuridão na superfície das pedras ao redor de uma fogueira. O que Heidegger quer dizer é que os gregos pensaram a linguagem a partir da essência do ser e, até mesmo, o ser como a linguagem.

Se no começo do pensamento ocidental uma captação originária da essência da linguagem crepitou a luz do ser, de acordo com Heidegger (1956), ninguém recolheu nada desta iluminação. Sobre esta intuição original, caiu um longo e pesado esquecimento. Posteriormente, a língua foi pensada a partir de seus suportes corpóreos, como se pode ver claramente no exemplo de usar a palavra “língua”, proveniente do órgão fonador, para se referir ao *Λόγος*. Aqui há um alerta de Heidegger de que a sobrevalorização dos suportes materiais da linguagem é correlato à desvalorização ontológica da palavra. De acordo com Heidegger (1956), só poderemos ter algo da experiência do raio se nos colocarmos na zona de tempestade do ser. Sem dúvida, para Lacan, a psicanálise teria a função de, pelos poderes da fala no campo da linguagem, colocar o sujeito nesta zona de vizinhança.

Por fim, tomando este sentido do albergar que recolhe, dispõe e restitui, Heidegger (1956) afirma que o “desalbergar” é o mesmo que “desocultar”. Por

11. “Deste modo, o que é propriamente o ouvir, pertence a isso: que o homem pode ser pego no equívoco, fazendo ouvidos moucos ao essencial” (Heidegger, 1956, pp. 6-7).

12. Τα δε Πάντα οιακίζει Κεραυνός.

este motivo, *Λόγου* e *Αλήθεια* (verdade) são o mesmo e estão no mesmo plano. Deste modo, há uma relação absolutamente intrínseca entre *Λόγου*, *Αλήθεια* e *sein*. Lembramos que o tema da revelação do ser do sujeito pela palavra é um tema importante na psicanálise. A tradução de Lacan encerra na afirmação de Heidegger (1956) de que diante da pergunta pelo enigma do ser, um ponto de partida é pensar o ser como o morar e permanecer partindo adiante, em estado de desocultamento.

## O aturdido

“O aturdido” é um texto que aborda a fala e a interpretação. Foi publicado originalmente, em 1973, na revista *Scilicet*, número 4, e, posteriormente, em 2001, pela editora *Seuil*, no livro *Autres Écrits*. Foi redigido durante as férias, antes do seminário 20 (“Mais, ainda”) e é considerado um dos textos mais difíceis de Lacan. O título “*Létourdit*” é um neologismo que usa da homofonia com “*Létourdi*” (aturdido) que, e de acordo com Vegh (2008, p.7), mantém várias relações de consonância: “*Létourdit* e *Le tour dit*” formam uma homofonia. Dito e volta aqui se destacam. Portanto, esse título pode ser lido como “as voltas do dito”, “as voltas ditas”, “a volta sobre um dito”. O texto se divide em duas partes: a primeira é dedicada ao significante e à não existência da relação sexual e a segunda trata da interpretação e do discurso do analista. Essa segunda parte inicia tratando da topologia e apresentando as superfícies com suas operações de corte, suturas e transformações (CHAPUIS, 2019).

Segundo Eidelsztein (2018a), “O aturdido” é o texto de Lacan em que está mais desenvolvida a articulação topológica, embora seja um texto de difícil compreensão. Do mesmo modo, Cevasco (2021) afirma que não há texto equivalente sobre os nós e nesse, Lacan trabalha a questão dos tempos de um tratamento a partir da topologia das superfícies. Esta autora esclarece que a topologia serve para abordar os diferentes furos e para que se possa pensar a produção de efeitos no real pela palavra. Além disso, ao citar Michel Bousseyroux, afirma que a topologia serviria para livrar a psicanálise da religião do sentido, observação importante para o presente artigo.

Lacan recorreu ao recurso da topologia, desde o início de seu ensino, utilizando, primeiramente, os esquemas e grafos, que são modos de apresentar sincronicamente a relação topológica dos conceitos (EIDELSZTEIN, 2018b). A partir de 1961, passou a utilizar as superfícies e, depois de 1972, os nós (CHAPUIS, 2019), que consistem em um caso particular da topologia. De

acordo com Kaufmann (1996), foi justamente a necessidade de abordar uma lógica do não-todo que impulsionou Lacan ao uso do nó borromeano. O uso da topologia para o autor teve o objetivo de construir uma nova lógica, que fosse uma lógica da falta.

Segundo Rona (2012), é a adesão de Lacan ao estruturalismo que permite explicitar as conexões entre psicanálise e a matemática. O autor salienta que é da teoria dos conjuntos que, tanto a topologia quanto a lógica matemática extraem sua fundamentação. Assim, por exemplo, a propriedade de uma dada coleção de ser conexa, é uma propriedade topológica. De acordo com Eidelsztein (2017, 2018b), o salto para a topologia se deve ao fato de que Lacan buscava uma estrutura conceitual que fosse afeita ao que considerava ser a estrutura do sujeito. Em primeiro lugar, a topologia opera com a noção de invariantes, que são as propriedades estruturais dos objetos. A topologia, em suas análises, ignora forma, tamanho e distância, permitindo elidir o imaginário. A topologia trabalha com uma nova relação entre interior e exterior, o que nos possibilita pensar a realidade psíquica freudiana ou o inconsciente como discurso do Outro em Lacan. Por último, a topologia subverte a relação sujeito/objeto o que nos permite descolar das noções cartesianas e pensar a relação singular do sujeito com o objeto a.

Nesse texto singular, “*O aturdido*”, Lacan (1973/2003) descreve sua relação com Heidegger no âmbito de uma fraternidade do dizer. Primeiro, inscreve, no mesmo plano, o compromisso com a verdade do pensamento de Heidegger e a psicanálise: “que nada esconde tanto quanto aquilo que revela que a verdade, *Ἀλήθεια*, é igual à *Verborgenheit*” (p. 451). *Ἀλήθεια* (*Aléthea*) é a palavra grega para verdade. Na interpretação heideggeriana, significa desocultamento: aquilo que era velado e se revela. “*Verborgenheit*” é, ocultamento, segredo. Nada esconde tanto quanto o que revela. Desse modo, a analítica existencial e a psicanálise compartilhariam da concepção ontológica da verdade. Pois essa seria pensada no quadro dos limites ontológicos da facticidade da condição humana, de ser jogado no mundo sem dar conta deste lançamento. De ser uma verdade não-toda. A verdade não é pensada nos moldes da “*adaequatio intellectos et rei*” (adequação da ideia à coisa), e seu oposto não é o erro ou a mentira. Estes ainda estão, no âmbito da verdade, pois sempre revelam algo por aquilo que ocultam. A verdade é bifronte, composta pelo jogo do revelado e do oculto. Neste sentido, pode ser concebida como uma metáfora ótica. À medida que o feixe de luz revela uma superfície, imediatamente, torna oculto o perímetro fora do foco. Por isso, nada esconde tanto quanto aquilo que revela.

Logo a seguir, Lacan (1973/2003, p. 451) afirma: “Assim não renego a fraternidade desse dizer, já que só o repito a partir de uma prática que, situando-

-se por um outro discurso, torna-o incontestável”. Alemán e Larriera (1987/2009) nos lembram de que Lacan nunca se referiu assim a qualquer outro pensador. No entanto, essa afirmação, como salienta López (2011), não deve ser entendida como uma fraternidade entre os ditos doutrinários destes autores, mas uma fraternidade no ato de dizer, pela qual o discurso de cada autor é a invenção de um modo singular de transitar pelas bordas do núcleo indizível da verdade do ser.

Em “*O aturdido*”, a linguagem cumpre um papel fundamental, e o texto “*Logos*” de Heidegger tem uma presença importante nesse texto, principalmente, como ponto de partida, logo nas primeiras páginas. Nossa hipótese é a de que Lacan retorna à dimensão ontológica da linguagem presente em “*Logos*” para dar seu giro (*tour*), da ontologia da falta para a lógica como ciência para abordar o impossível do real e a topologia para contornar as bordas do furo.

Sustentamos hipótese de que “*O aturdido*” faz um retorno ao “*Logos*”, não apenas pela referência explícita, mas pela presença de marcadores textuais. Dois destes são evidentes: as expressões “*ex-sistência*” e “*dit-mension*”. O primeiro é um conhecido termo de Heidegger frequentemente utilizado por Lacan para se referir ao real. O segundo guarda uma relação direta com “*Logos*” e “*Carta sobre o Humanismo*”, quando Heidegger afirma que a linguagem é a casa do ser.

É muito significativo que justamente neste texto, Lacan (1973/2003) inicie afirmando sua fraternidade do dizer com Heidegger. Pois essa está presente no aforismo, apresentado de início e repetidas vezes ao longo do texto: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (Lacan, 1973/2003, p. 448). Como não ouvir ressonâncias deste enunciado, que contém dizer, esquecer e ouvir com o “*Logos*” de Heidegger? Para Lacan “que se diga” convoca à existência. Afirma: “sua enunciação é momento de existência – que é situada pelo discurso, ela “*ex-siste*” à verdade” (p. 449). O que cria condições de possibilidade para a psicanálise lidar com esses dois planos distintos, o plano do dizer (ou da enunciação) e o plano do dito (ou do enunciado) é a diferença ontológica proposta por Heidegger, sendo que o dizer está para o ser assim como o dito, para o ente.

Embora já caminhando pela teoria dos conjuntos, quando Lacan (1973/2003, p. 450) propõe a morte como um universal, ele alude ao ser-para-a-morte ao propor o fim como o horizonte que homologa toda existência como humana: “Esse lugar [onde giram os discursos] não é para todos, mas lhes *ex-siste*, e é por aí que se homenloga [*hommologue*] que todos são mortais”. O esquecimento, o dizer, a homologação, são temas centrais no texto

“*Logos*” de Heidegger. A fraternidade do dizer não seria uma tradução possível para *ομολογείν* (*omologen*)? No contexto de “*O aturdito*”, essa palavra do texto de Heidegger, que costuma ser traduzida como “dizer o mesmo”, “concordar” se articula com a fraternidade no dizer (não fraternidade nos ditos) e se refere ao pertencimento do ser à linguagem e a relação com a falta que esse pertencimento produz. Ainda é a palavra usada para subscrever o ser-para-a-morte como aquilo que homologa todos os homens, tema importante na analítica existenciária de Heidegger (1927/2012), presente em “Ser e tempo”.

Na “*Carta sobre o Humanismo*”, Heidegger (1946/1991) afirma que a essência do homem é sua relação com o ser, e a essência da linguagem, dado o pertencimento originário da palavra ao ser, é abrigar a verdade do ser, ou seja, ser a casa do ser. Afirma que “[...] a linguagem é a casa do ser manifestada e apropriada pelo ser e por ele disposta” (p. 18). Isso quer dizer que se trata de pensar a essência da linguagem a partir de sua correspondência ao ser, ou seja, a linguagem enquanto habitação da essência do homem. Em função deste pertencer originário da palavra ao ser, o autor afirma que a linguagem exige muito menos expressão precipitada do que o devido silêncio. O autor utiliza o termo “*ex-sistência*” para marcar o caráter de exterioridade da transcendência voltada para a abertura, que expõe o homem à verdade do ser. E o que põe o homem em comunhão com esta verdade é a linguagem. O nome dessa comunhão em “*O aturdito*” é “*hommologue*”, tal como aparece em “*Logos*”.

“*Ex-sistência*” é um termo heideggeriano utilizado por Lacan em “*O aturdito*” e nos seminários dessa época, em sua abordagem do real e do campo do gozo, como aquilo que ex-siste ao significante. Para Heidegger, o termo se refere à posição existencial do *Dasein*, na sua condição de transcendência, de estar exposto à dimensão da verdade do ser. Por ser-no-mundo, de acordo com Heidegger (1946/1991), o homem é enquanto “*ex-sistente*”. Ele está projetado na abertura, que é o modo próprio do ser. O mundo é a clareira do ser que o homem penetra ao ser projetado de sua essência. Daí o prefixo “*ex*” utilizado por Heidegger, para designar o desdobramento do ser nesta superfície aberta.

Lacan utiliza em “*O aturdito*”, o termo “*dit-mension*”, traduzido para o português como “*Diz-mensão*”. No francês “*mension*”, produz um efeito de homofonia com “*maison*” (casa), evocando a ideia de morada. A expressão joga com os sentidos: morada do dizer e dimensão. Esta expressão carrega ressonâncias com o que afirma Heidegger (1946/1991) na “*Carta sobre o Humanismo*”, tanto a linguagem como a casa do ser, quanto a abordagem do ser como a superfície em que os acontecimentos se dão. No seminário XXI, Lacan (1973-1974) qualifica os três registros, simbólico, imaginário e real como modos de

ser e os chama de “*dit-mensions*” da experiência do ser falante. Tanto aqui quanto em “*O aturdido*”, Lacan joga com o sentido da linguagem como morada do ser, mas ressalta desde o título que nessa casa o sujeito só pode estar em aturdimiento.

Nesse ponto, Žižek (2009) salienta que a psicanálise justamente existe, porque há uma crise habitacional. Os sintomas demonstram a dimensão dilacerante desta morada, como no exemplo das ideias aterradoras que invadem a mente de um sujeito obsessivo ou das vozes que, retornadas no real atormentam os ouvidos de um sujeito psicótico. Estes fenômenos atestam o pertencimento do homem a uma ordem simbólica que é fonte para o sujeito de um dilaceramento originário. Já, no seminário III, Lacan (1955-1956/1988, p. 276) salientava isso ao propor para a psicanálise a seguinte definição: “A psicanálise devia ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem”.

De acordo com Miller (2011), o que motivou Lacan a escrever “*O aturdido*” foi o fato de que nunca havia escrito sobre a topologia. Até o momento, havia apenas discorrido sobre o tema diante do auditório de seu seminário. Parece-nos que, neste texto, que começa utilizando referências filosóficas para falar do “não-todo” e termina fazendo descrições topológicas das superfícies ao redor do furo, Lacan esteja afirmando sua própria estratégia da desconstrução da ontologia da substância. E não poderíamos supor que, com a afirmação da fraternidade do dizer, está inscrevendo sua aventura topológica no caminho de um mesmo tipo de inquietação de questões levantadas por Heidegger sobre a relação entre linguagem, ser e verdade? É sabido que Heidegger não escreveu a terceira sessão de “*Ser e Tempo*” por perceber falta de recursos na língua. Nesse sentido, o uso da linguagem matemática e sua topologia não comporia a intensão lacaniana de levar a seu modo o desafio de circular as bordas do que fica oculto atrás do dito?<sup>13</sup> Pensando assim, o uso da topologia seria a tentativa de Lacan na psicanálise de criar um modo original de lidar com problemas vizinhos à ontologia. Em “*O aturdido*”, Lacan (1973/2003) deixa inscrito incontestavelmente em que zona de avizinhamiento está se movendo. Ele indica neste texto que ao fazer topologia, está levando a crítica à metafísica em direção a uma nova experiência.

No período em que aderiu às teses estruturalistas, Lacan construiu sua teoria do desejo, mantendo um ativo diálogo com o discurso do ser. Bevidas

---

13. Roudinesco (2008) relata que Lacan em sua última visita à Heidegger falou abundantemente de sua teoria dos nós. Diante disto Heidegger apenas escutou, guardando silêncio.

(2000) sustenta que desde o início dos anos 50, Lacan demonstrou um esforço de formalização dos conceitos freudianos. O Discurso de Roma foi um manifesto epistemológico do direcionamento de seu pensamento, que buscava se articular à linguística, à antropologia e aos últimos problemas da filosofia. Seguindo o exemplo da antropologia de Lévi-Straus, Lacan convocou a linguística como ciência guia das humanidades, definindo a linguagem como estrutura e limite do campo psicanalítico. Nos anos 60, segue com uma verdadeira elucidação epistemológica da obra freudiana abordando os conceitos fundamentais da psicanálise pela chave da função do significante.

Todavia, nos anos 70, de acordo com Beividas (2000), em virtude da incompatibilidade entre o significante lacaniano e o significante da linguística, de um lado, e uma espécie de fechamento do estruturalismo na fonética, de outro, ocorreu um divórcio entre a psicanálise e a linguística. É quando Lacan sugere que a afirmação do inconsciente estruturado como linguagem não é do campo da linguística e propõe sua *linguisteria* e a *lalangue*. Nesse momento, em que a linguística não serve mais como ciência piloto, Lacan busca auxílio na linguagem matemática.

De acordo com Beividas (2000), a passagem de um modo de conceptualização cunhada na combinatória dos significantes para uma cunhada na topologia pura das superfícies, nós e matemas, constituiu um salto muito grande, que deixou atrás de si um vácuo de conceptualização. Esse vácuo, para o autor, refere-se a imensa gama de articulações que não foram efetuadas com a linguística e que poderiam contribuir imensamente para a compreensão da estrutura languageira do inconsciente. A topologia, embora forneça a noção de invariantes, é heterogênea às formas discursivas. Para o autor, é como se houvesse algo de prematuro nesse salto, um abandono de possibilidades da formalização linguística sem que se pudesse tirar o máximo partido deste arcabouço metodológico e sem ainda haver uma instrumentalização geral do campo pela topologia. Trouxemos essa referência para argumentar que esse salto produziu o esquecimento de referências teóricas anteriores, como os últimos problemas da filosofia além do mal-entendido de que cada novo modo de conceptualização anulava o valor das construções do período precedente. Em nosso entender, em uma espiral ascendente e complexidade, Lacan utilizou diferentes estratégias para realizar novos giros sobre os mesmos temas.

“*O aturdito*” é justamente um texto que aborda esse salto para a topologia. Parte, por esse motivo, do chão ontológico da relação do ser com a linguagem que permitiu construir sua abordagem linguística do inconsciente, chão que encontra apoio em “*Logos*”. Nesse giro, leva a mesma inquietação de abordar o

indizível da experiência do ser falante e propõe, como empreendimento de crítica à metafísica, utilizar a topologia da superfície para mostrar os furos na substância do universo. Nesse sentido, a topologia da superfície com suas bordas, furos e corte, é uma continuidade da ontologia da falta-a-ser. “*O aturdido*” é um texto que descreve o salto de um discurso filosófico da falta para o discurso matemático da lógica do não-todo. No entanto, neste salto sobre o indizível, Lacan segue abordando problemas de natureza ontológica, como deixa claro na afirmação da fraternidade do dizer no prelúdio do texto. A busca pelo que fica esquecido é uma busca de que ordem senão ontológica?

Lacan sabia que o verbo ser é central nas línguas europeias e podemos pensar que em sua tentativa de escapar das armadilhas das línguas da metafísica, tenha encontrado na matemática um caminho. Em sua crítica à metafísica, Lacan também produz uma torção no uso da língua. Segundo Millot (2017), foram três giros na construção do texto, iniciando toda a redação a cada vez desde o princípio, no que poderíamos chamar de espiral ascendente de complexidade ao recompor a escrita com mais pontos de condensações, sobre-determinações e ambiguidades.

Por este motivo, Barbara Cassin (2013) afirma que “*O aturdido*” é um dos textos contemporâneos que agrega mais chances de escapar do aristotelismo, pois promove uma subversão do princípio aristotélico ao propor no lugar da não contradição o princípio da não relação sexual, que é um dos aforismos para designar o impossível do real. O principal adversário de Lacan neste texto é Aristóteles, de modo que Cassin chama este texto de “ab-aristotélico” (p.10). Isto é, segundo a autora, seria um texto que conseguiria se libertar da liturgia do sentido estabelecido por “*Da Interpretação*” e pelo livro Γ da “*Metafísica*” de Aristóteles.

Uma das formas de se entender a inexistência da relação sexual é o corte fundamental que existe entre o significante e o significado, a ausência de um acoplamento entre os dois. Por este motivo, no plano da língua, o equívoco é pleno de poderes. A autora salienta que Lacan propõe o equívoco como diretriz técnica na psicanálise, pois tem por objetivo produzir ondas no inconsciente utilizando justamente as estratégias que as “*Refutações Sofísticas*” de Aristóteles diagnosticam e proíbem.

Existem dois modos de lidar com o princípio da não contradição, afirma Cassin (2013, p. 26). O primeiro é o paradoxo, que produz uma espécie de “consistência imantada pela contradição”. O segundo é o proceder da psicanálise que consiste em fazer do equívoco a condição para qualquer produção de

sentido. Isto é, fazer da homonímia das palavras, da anfibologia<sup>14</sup> gramatical das frases e do paradoxo lógico – que são as três modalidades do equívoco – a “condição do sentido”. Para a filosofia, o sentido de uma palavra expresso em uma definição determina em última instância a essência da coisa e não pode não haver univocidade. Para Lacan, não há sentido que não seja equívoco, o que denomina no texto “*O aturdido*” de “Ab-senso”, que é “uma escapadela para fora da norma aristotélica do sentido” (p.17). Entendemos que em “*O aturdido*”, foi explorada uma vertente na desconstrução da metafísica que consiste em usar o equívoco significante para dissolver as cristalizações do princípio da não contradição. Ele se opõe a uma ontologia do sentido como essência que não suporta a contradição, ou seja, em última instância, opõe-se a pensar o sentido por meio do radical princípio individualizador que é a substância aristotélica.

Cassin (2013) critica Lacan por ainda assim se manter preso a temas ontológicos para propor sua escapada da norma aristotélica do sentido. A esse respeito, pensamos que Lacan bem sabia que para sair da Grécia, é necessário montar em um cavalo grego. Balmès (2002) afirma que é em função do real que se costuma alegar o abandono da ontologia e alerta que o ser na obra lacaniana é anterior aos três registros, de modo que os excede e os condiciona. Assim, por exemplo, no Seminário I, Lacan (1953-1954/1983, p. 308) afirma que a palavra cava uma abertura no real. Esse buraco no real se chama, segundo o modo de abordagem, o ser ou o nada, que são essencialmente conectados à palavra. O autor afirma: “É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico, do imaginário e do real, categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência”.

Balmès (2002) alerta que prescindir da ontologia é justamente se esconder atrás do sonho de Lacan, que era o de evadir-se da ontologia via matema. Mas até a questão do matema, argumenta, é um problema de ordem filosófica, de saber se a topologia pode servir de alternativa às restrições da linguagem e do discurso do ser, para fazer valer o que fica oculto pela articulação linguageira.

## Considerações finais

Apresentamos, neste artigo, a hipótese de que “*O aturdido*” guarda uma relação lógica com o texto “*Logos*” de Heidegger. Sustentamos essa hipótese por duas

14. O fato de que algumas frases podem ser tomadas em mais de uma estrutura sintática.

evidências: primeiro, na afirmação da fraternidade, situada no prelúdio do texto; segundo, localizando e comentado alguns marcadores textuais da presença de temas heideggerianos em “*O aturdido*”. Os mais evidentes são as palavras “*ex-sistência*” e “*dit maisons*”, que fazem referência a conhecidos temas do pensamento de Heidegger. Contudo, “*hommologen*” faz uma referência direta ao texto “*Logos*”, palavra que designa o pertencimento do ser à linguagem no coração do nada e que, no texto de Lacan, é utilizada para se referir à homologação dos homens como seres prometidos à morte no horizonte certo e indefinido do fim.

A condição de possibilidade para propor a diferença fundamental entre o dizer e o dito é a diferença ontológica proposta por Heidegger, ficando o dizer disposto no plano do ser e o dito no plano do ente. Tomando o enunciado do prelúdio do texto: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz, em o que se ouve”, podemos depreender que uma das dimensões do giro que essa frase tenta descrever é a do esquecimento da dimensão ontológica da linguagem, ou seja, o fato assombroso de que haja ser, que fica oculto no fenômeno físico da vibração das ondas sonoras captadas pelo ouvido e nos efeitos de reconhecimento produzidos pelas ressonâncias semânticas do enunciado. Tema esse abordado por Heidegger ao denunciar a degradação da linguagem na era da técnica como um mero instrumento de comunicação.

Mesmo a principal tese de “*O aturdido*”, de que “Não há relação sexual” só pode ser compreendida no marco da diferença ontológica. Desse modo, segundo Aleman e Larriera (2009), podemos entender as práticas sexuais dos seres humanos como estando situadas no plano ôntico. Já a impossibilidade da relação sexual seria uma afirmação de natureza ontológica.

O retorno no “*O aturdido*” ao texto “*Logos*”, segue o modelo lacaniano do retorno a Freud, que se articula com o proceder de Heidegger, que é ir contra a corrente do esquecimento e retornar a um ponto de origem para tomar posição para um salto direcionado ao impensado. Ao chamar atenção nesse artigo para a afirmação da fraternidade no dizer, queremos lembrar que não devemos esquecer, nem no aturdimiento do giro envolvido na fala, nem do giro teórico para a linguagem matemática efetuada por Lacan, da importância dos problemas ontológicos de origem presentes na relação do sujeito com o significante. Ainda mais para uma prática que se propõe ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito.

### Tramitação

Recebido 22/07/2023

Aprovado 07/11/2024

## Referências

- ALEMÁN, J.; LARRIERA, S. *Desde Lacan: Heidegger – Textos reunidos* (Spanish Edition). Málaga: Miguel Gomes Ediciones, 2009.
- BALMÈS, F. *Lo que Lacan dice del ser (1953-1960)*. Tradução de Horácio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.
- BEIVIDAS, W. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000.
- CASSIN, B. O Ab-senso de Lacan de A a D. In: BADIOU, A. *Não há relação sexual: duas lições sobre “O aturdido” de Lacan*. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CEVASCO, R. *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana*. Volume 1. São Paulo: Aller, 2021.
- CHAPUIS, J. *Guia topológico para “O aturdido”*: um abuso imaginário e seu além. São Paulo: Aller, 2019.
- D’ESCRAIGNOLLE CARDOSO, M. J. Retorno sobre a influência de Saussure sobre Lacan. *Analytica*, São João del Rei, v. 1, n. 1, p. 28-44, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- EIDELSZTEIN, A. *O grafo do desejo*. São Paulo: Toro editora, 2017.
- \_\_\_\_\_. *La topologia em la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra viva, 2018a.
- \_\_\_\_\_. *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. São Paulo: Toro editora, 2018b.
- HEIDEGGER, M. (1927). *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas-SP: Editora da Unicamp/ Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. (1946). *Carta sobre o humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Logos*. Tradução de Jaques Lacan. Traduction d’un texte de Martin Heidegger – *Logos* – paru dans *La psychanalyse*, n° 1, p. 59-79, 1956. Disponível em: <<http://parolesdesjours.free.fr/heideggerlacan.pdf>>. Versão em espanhol: <[http://www.ub.edu/las\\_nubes/archivo/uno/wunderkammer/Texto/Filosofia/Logos.pdf](http://www.ub.edu/las_nubes/archivo/uno/wunderkammer/Texto/Filosofia/Logos.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, J. (1953-1954). *O seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1983.

\_\_\_\_\_. (1955-1956). *O seminário. Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

\_\_\_\_\_. (1973). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

\_\_\_\_\_. (1973-1974). *Les non-dupes errent*. Séminaire 21. Texto estabelecido por Staferla. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/S6/S6.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

LÓPEZ, H. *Lo fundamental de Heidegger en Lacan*. 2. ed. Buenos Aires: Letra Viva, 2011.

MILLER, J.-A. *O ser e o um*. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Revisão de Carlos Augusto Nicéas. Versão final e subtítulos Marcus André Vieira. Seminário de Orientação Lacaniana, 2011.

MILLOT, C. *A vida com Lacan*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

NANCY, J.-L.; Lacoue-Labarthe, P. *O título da letra: uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta, 1991.

RONA, P. M. *O significante, o conjunção e o número: a topologia na psicanálise de Jacques Lacan*. São Paulo, Annablume, 2012.

ROUDINESCO, É. Vibrant hommage de Jacques Lacan à Martin Heidegger. Table ronde. Lacan Avec Heidegger. In : \_\_\_\_\_. *Lacan Avec les philosophes*. Bibliothèque du Collège International de Philosophie. Paris: Édition Albin Michel S. A, 1991. p. 225-236.

\_\_\_\_\_. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHÜLLER, D. *Heráclito e seu (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

VEGH, I. *Lectura de L'Étorudit*. Escola Freudiana de Buenos Aires, 2008.

Žižek, S. *Por que Lacan não é heideggeriano*. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v2n3/v2n3a02.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2017.